Coluna de ARTES PLÁSTICAS

Camargo em Londres

TERMINOU bem o ano de 1964 o escultor Sérgio de Camargo, um dos artistas brasileiros que passaram a residir em Paris por encontrarem ali o ambiente estimulante para o desenvolvimento de sua arte.

Tenho em mãos, graças à gentileza da Divisão Cultural do Itamarati, o convite da galeria **Signals London** para a recepção que, às 6.00 p.m. de 29 de dezembro, inaugurava a exposição de escultura do artista brasilerio, a qual continua até 28 dêste mês.

Vera Pacheco Jordão

Tenho também o último número do boletim noticioso em forma de jornal, com excelente colaboração e nítidas reproduções, publicado pela **Signals**, todo êle dedicado a Sérgio de Camargo e sua obra. Ao lado dos artigos críticos e das fotos, vem a tradução inglêsa de um conto brasileiro (que parece ser do folclore indígena), e temos ainda a surprêsa de encontrar, em português, um poema de Ferreira Gullar, e nada menos que o nosso Carlos Drummond com sua indagação "E agora, José?".

Não haverá melhor propaganda do Brasil do que o sucesso dêsse artista que, tendo obtido na Bienal de Paris de 1963 o Prêmio Internacional de Escultura, tem agora sua primeira exposição individual européia, feita pela **Signals**, que se declara "organização não-lucrativa, dedicada às aventuras do espírito moderno".

Aliás, "propaganda" não é bem o têrmo a empregar, pois sugere divulgação interessada e dirigida às massas populares, quando aqui se trata do reconhecimento do valor de um artista por um pequeno grupo, importante por sua qualidade, mas reduzido em extensão. É nesse nível de elite que devemos ambicionar a penetração brasileira.

Os trabalhos que Sérgio de Camargo apresentou são mais propriamente relevos que escultura. Jogando com madeira em pequenos cilindros cortados obliquamente e pintados de branco, o artista tira o máximo partido do contraste entre a superfície redonda e o corte geométrico, colocando êsses elementos em ângulos diferentes, imprimindo-lhes um ritmo dinamizado pela luz. A vibração da superfície, realçada pela pureza do branco, a repetição das formas simples sugerindo concreções naturais como os mariscos nos rochedos, emprestam um sentido lírico a essas obras que se enquadram numa linha bem marcante da estética atual.